

## A PRAÇA É DO POVO: SIGNOS E SIGNIFICADOS NA PRAÇA JOÃO PEDREIRA - FEIRA DE SANTANA (BA)

Solange Maria Santana Couto <sup>1</sup>  
Luciene Cristina Risso <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo retrata a relação da população com a Praça João Pedreira localizada no município de Feira de Santana, Bahia. As relações sociais que ocorrem na praça são repletas de signos, significados e simbologias que imprimem marcas na paisagem, modificando-a e, construindo territorialidades. Espera-se apresentar aqui as relações simbólicas entre os usos da Praça em uma leitura geográfica, pensando a realidade social conectada ao fazer cultural dos diferentes grupos sociais que vivenciam e apropriam-se dela. Essas relações constroem muito além das identidades da população que frequenta a praça, tornando-se parte do imaginário representativo do município. É também nesse espaço que os corpos se manifestam de forma a estabelecer território e ressignificar sua existência, bem como suas representatividades. Trata-se de uma pesquisa etnográfica pela qual se utiliza a metodologia de observação participante. A busca por essa pesquisa vem de uma relação com esse espaço ao longo de anos, correlacionado com as concepções teóricas que permitem uma leitura mais abrangente da realidade da praça. Ao longo do artigo, será apresentada uma base teórica decolonial que aborda os conceitos utilizados para compreender as relações inerentes a referida praça.

**Palavras-chave:** Paisagem, territorialidades, cultura, espaço público.

### ABSTRACT

This article portrays the population's relationship with Praça João Pedreira located in the municipality of Feira de Santana, Bahia. The social relations that occur in the square are full of signs, meanings and symbolism that leave marks on the landscape, modifying it and building territorialities. It is expected to present here the symbolic relationships between the uses of the Square in a geographical reading, thinking about the social reality connected to the cultural activities of the different social groups that experience and appropriate it. These relationships build far beyond the identities of the population that frequents the square, they become part of the municipality's representative imagination. It is also in this space that bodies manifest themselves to establish territory and give new meaning to their existence, as well as their representations. This is ethnographic research using participant observation methodology. The search for this research comes from a relationship with this space over the years, correlated with theoretical concepts that allow a more comprehensive reading of the reality of the square. Throughout the article, a decolonial theoretical basis will be presented that addresses the concepts used to understand the relationships inherent to that square.

**Keywords:** Landscape, territorialities, culture, public space.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro/SP, [solange.couto@unesp.br](mailto:solange.couto@unesp.br);

<sup>2</sup> Orientadora: Professora Doutora na Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação e do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – UNESP Ourinhos e UNESP Rio Claro, [luciene.risso@unesp.br](mailto:luciene.risso@unesp.br).

A Geografia cultural oferece a possibilidade de entender a realidade a partir das simbologias presentes nas formas contidas nas paisagens. As análises apresentadas nessa perspectiva permitem a produção de uma leitura da realidade que considere a diversidade de elementos que compõem as paisagens. Dessa forma, a paisagem vai além de suas formas materiais, contendo simbologias presentes nas relações coletivas da experiência humana, como afirmou Cosgrove (1998). Por outro lado, os espaços apropriados por relações de poder são também palco das relações de contrapoder, a todo tempo territorialidades são construídas e reconstruídas a fim de atender as demandas socioculturais. Um território delimitado para fins específicos, pode ser apropriado por coletividades que possuam outros objetivos dando a este, outra finalidade e assim constroem novas territorialidades, com representatividades culturais expressas por signos, símbolos e expressões coletivas. É papel da geografia identificar essas particularidades.

O espaço da praça pública é exemplo da constante construção de novas territorialidades, além da resignificação de símbolos que compõem a paisagem devido ao encontro de múltiplas culturas. É importante destacar que nesse artigo pretende-se ater-se apenas aos elementos culturais que compõem as paisagens bem como configuram as territorialidades. Outras visões e conceitos elaborados a respeito dessas categorias, embora importantes e necessários, não serão utilizados por fins didáticos.

Observa-se a diversidade de eventos públicos e movimentos comerciais acontecendo na praça pública João Pedreira em Feira de Santana (BA). Neles é possível perceber que há símbolos e significados dados pela comunidade a esse espaço público central e de importante significado histórico para a cidade. Assim, o objetivo principal deste trabalho foi diagnosticar as simbologias presentes na praça, lendo-as geograficamente. Para atender ao objetivo principal é necessário responder aos seguintes objetivos específicos: Apresentar um exemplo de uso do espaço na cidade de Feira de Santana, Bahia, quais os sentidos e quais os resultados físicos dado pela sociedade que o utilizam; diagnosticar símbolos e significados dados pela comunidade ao espaço público da Praça João Pedreira – Feira de Santana\BA, lendo geograficamente tais simbologias; e oferecer a percepção de um espaço público urbano comercial a partir da perspectiva de usos dados pela comunidade.

Feira de Santana (BA) surgiu como parte do município de Cachoeirinha em 1696, tendo sua emancipação em 18 de setembro de 1833. Essa emancipação se deu devido a sua importância regional associada ao movimento de vaqueiros tropeiros que transportavam gado

ao longo do estado da Bahia e o município destacou-se como ponto de parada para esses trabalhadores. Nessa época, os moradores da cidade montavam diversas feiras livres ao longo do percurso afim de possibilitar abastecimento aos transeuntes. Nesse sentido, as feiras tornaram-se importantes símbolos da cidade, seja no sentido econômico, seja no sentido cultural. Elas permanecem atualmente, porém em menor número e em lugares específicos. Costuma-se dizer que é nas feiras livres onde tudo acontece.

Compreendendo a importância do espaço geográfico e sua representatividade simbólica expressa na paisagem, aqui será apresentado um exemplo de uso do espaço na cidade de Feira de Santana, Bahia, quais os sentidos e quais os resultados físicos dado pela sociedade que o utilizam. Esse trabalho se justifica devido a importância da Praça João Pedreira para a cidade de Feira de Santana. Por localiza-se no centro comercial de Feira de Santana\BA. Sendo, para tanto necessário compreender a apropriação do espaço pela população de diversas classes sociais e diferentes seguimentos, bem como a resignificação deste exercida pela comunidade promovendo mudanças e permanências que configuram a paisagem.

A praça, alvo dessa pesquisa, apesar de, por muito tempo ter abrigado feiras livres. Devido ao crescimento físico e populacional do município, foi perdendo seu potencial mercadológico, embora a população ainda manteve essa relação com o espaço, mesmo o poder público tendo criado em 1977 o Centro de Abastecimento Municipal. As relações comerciais ainda que excipientes se mantiveram, configurando uma ação de resistência e permanência. Mesmo com o poder público proibindo a feira nesta praça, as pessoas continuam levando seus produtos para vender, desafiando a fiscalização. Entretanto, para além das relações comerciais o que atualmente configura a importância da Praça João Pedreira são as relações sociais que ali se manifestam sobretudo por meio de manifestações da cultura popular, tendo destaque a Roda da Escola de Capoeira Angola Angoleiros do Sertão, realizada nesse local desde meados da década de 1980.

Espera-se com esse artigo apresentar as relações simbólicas presentes no uso da Praça João Pedreira em Feira de Santana, os signos e significados dados pela comunidade a esse espaço público central e de importante significado histórico para a cidade. Bem como as leituras geográficas construídas a esse respeito, pensando a realidade social conectada ao fazer cultural dos diferentes grupos sociais que vivenciam e apropriam-se da praça.

## **METODOLOGIA**

Este é um trabalho que relaciona espacialidades construídas em um espaço público a partir de seus diversos usos, com diferentes significados, que produz e reproduz espaços e

saberes a partir das simbologias que se fazem presentes. Sendo assim, acredita-se que a observação participante se configure como um importante caminho metodológico no campo das pesquisas qualitativas, para atender aos objetivos desse artigo. É importante salientar que, sendo parte da simbologia que configura as relações presentes na praça a pesquisadora produz uma pesquisa constante sobre tais relações. Godoy (1995, p.62) afirma que o pesquisador deve ser "[...] o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados". Para além de ser parte da pesquisa, ao longo do processo foi possível observar a relação da comunidade com as atividades que acontecem nesse espaço.

Como procedimentos metodológicos foi realizado levantamento histórico e empírico sobre a Praça João Pedreira, local histórico que aconteciam feiras livre e que até o momento atual traz importante simbologia para o município. Assim, a pesquisa iniciou-se com a participação efetiva das ações realizadas nesse espaço, por meio da atuação através do grupo de capoeira que realiza rodas semanais há mais de 30 anos na praça. Para complementar a pesquisa foi necessário realizar o levantamento bibliográfico em documentos de acervos particulares e museus da cidade, com intuito de obter informações históricas dos processos formativos da praça e seus diferentes usos ao longo do tempo.

Trata-se de um pesquisa etnográfica, sob a qual foram empregados metodos de observação participante, considerando que a pesquisadora é parte da paisagem que configura as simbologias presentes na referida Praça. Dessa maneira, foi possível apresentar considerações a partir do espaço vivido e concebido por experiências desencadeada ao longo de décadas de relação com esse espaço. As bibliografias consultadas, são capazes de contribuir para a compreensão das relações presentes, bem como do contexto que ela se inseri. As escolhas teóricas permitem uma cosmovisão que relaciona, experiências, co-construções bem como permite compreender a partir da teoria academica os pressupostos capazes de reconfigurar paisagens, contituir territorialidades e produzir espaço. Tudo ao mesmo tempo e que representam a paisagem da praça.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A PRAÇA ...: Paisagem, Território, Signos e Significados**

A categoria paisagem é parte do espaço geográfico e pode ser entendida tanto por meio de sua base física natural ou transformada, quanto a partir dos sentidos e significados dados pelas relações humanas. Estas por sua vez influenciam na representatividade física, ao mesmo tempo em que proporcionam significado a suas representações. Na paisagem observa-se a

materialidade simbólica de objetos do espaço, para Torres (2018, p. 153) “[...] Tal experiência evidencia que cada lugar tem na paisagem a cultura do povo que o habita, e ao mesmo tempo, cada habitante traz em si aspectos e valores que remetem ao lugar onde vive [...]”. Nesse sentido, a paisagem não retrata apenas o visual, envolve outros sentidos como olfato, audição, tato, paladar, a paisagem está em tudo, e a geografia é capaz de produzir uma leitura de suas representações, significados e sentidos.

Ao analisar uma paisagem é importante considerar os significados realizados pelas práticas sociais multiculturais que o configuram. Denis Cosgrove (1998) afirma que todas as paisagens são simbólicas embora nem sempre os símbolos sejam perceptíveis. Para o autor, os significados dados a elementos da paisagem depende de fatores como contexto social, códigos de conduta, valores morais, relações de poder, classe, etnia, gênero e a forma que essa paisagem foi construída, que pode ser planejada ou não, sendo a geografia responsável por decodificar esses símbolos.

Segundo Stuart Hall (1997) para compreender as transformações da sociedade atual é preciso considerar a importância da dimensão cultural. E está por sua vez é dinâmica pois visa abordar toda a complexidade e multiplicidade presente na contemporaneidade. Para ele, é também necessário compreender os sentidos das coisas, pois, existem relações de poder que ressignificam objetos e elementos, promovendo constantes disputas por seus significados.

A cultura é a soma dos elementos que compõem as relações sociais, os hábitos, costumes, elementos e tradições precisam ser analisados conforme suas relações, não pode ser considerada uma dimensão humana separada do todo social, a cultura é parte integrante da construção da realidade. A nova geografia cultural ocupa-se em produzir uma leitura dos signos e significados socialmente construídos.

A construção do pensamento nos moldes atuais oferece possibilidade de relação com diversas formas de produção do conhecimento. A aquisição de saberes deve considerar todo contexto que o indivíduo está inserido, dessa forma, compreender a importância de conhecimentos produzidos fora das concepções branco-europeias requer sensibilidade e abertura para um novo olhar. As perspectivas decoloniais surgem nessa busca de valorização de conhecimentos adquiridos e mantidos livres da colonização. O pensamento filosófico da modernidade propõe a existência de um sujeito epistêmico ideal que deve ser, em linhas gerais, masculino, branco e de ascendência europeia. Toda ação realizada por aquele ou aquela que foge dessas características não poderia ser considerada no âmbito da intelectualidade. Santos (2019, p. 164) afirma que:

[...] o termo decolonização não tem haver apenas com independência política, mas refere-se antes a um amplo processo histórico de recuperação ontológica, ou seja, o reconhecimento dos conhecimentos e a reconstrução da humanidade. Inclui, é claro, o direito inalienável de um povo de ter a sua própria história e de tomar decisões com base na sua própria realidade e na sua própria experiência [...] (SANTOS, 2019, p.164).

O pensamento decolonial na geografia oferece possibilidades de repensar conceitos e categorias a partir do reconhecimento da importância dos sujeitos que compõem, produzem e vivenciam a paisagem, o espaço, o território e o lugar. Permite compreender as relações econômicas, políticas e sociais forjadas por ideias coloniais e oferece possibilidades de repensar as relações de poder impostas pelo colonizador, ao mesmo tempo que proporciona ampliar o olhar sobre as coisas a partir do ponto de vista de quem produz espaço e constrói as diversas paisagens. A partir da decolonialidade é possível compreender a importância de corpos negros e indígenas como território de afirmação e ressignificação social e que é também parte do ambiente natural e cultural.

É importante reconhecer os territórios construídos de forma subjetiva, os signos e significados dados à paisagem por cada grupo social que a compõem. É papel da geografia reconhecer também essa relação simbólica e cultural com o espaço em que as relações se estabelecem. A autora Mathes (2021, p. 38-39) aborda a importância de considerar a corporeidade dos sujeitos na leitura de mundo decolonializada.

Considerando a importância da localização do sujeito do conhecimento para a construção de sua visão crítica e a impossibilidade de uma existência incorpórea, afirmo a importância de uma interpretação decolonial do mundo para a valorização do conhecimento corporificado. Não há sujeito do conhecimento despossuído de localidade e corpo, a objetividade imposta pela modernidade é construída pelo ego conquistador que se vestiu de neutralidade enquanto atribuiu ao outro, categorias de raça e gênero como características desviantes do padrão europeu. (MATHES, 2021, p. 38-39).

Decolonizar requer considerar a subjetividade expressa na historicidade do sujeito, através de contextos e experiências por ele vivenciadas, considerando critérios de raça e gênero como forma de superação das imposições modernas. Dessa forma, a geografia torna-se uma possibilidade de apresentar a diversidade de olhares sobre a realidade a partir da compreensão, valorização, sentidos e significados dados por cada sujeito, ou grupo a paisagem. A relação de sentimento e pertencimento depende da construção sociológica que se tem dele, dessa forma cada grupo social sentirá de forma distinta. As territorialidades se processam por meio do uso do espaço, suas relações de poder ou de resistência. Daí a necessidade de um olhar atento e

sensível do geógrafo para compreender as relações que se processam para além do que o pensamento colonial determina.

As feiras livres, que aconteciam na paisagem da praça estudada, representaram relações comerciais ao longo do tempo, mas são sobretudo, espaços simbólicos. Tanto, o é, que mesmo que atualmente, sejam proibidas, a população continua a realizar suas práticas. Como diz Ferreira (1999) a palavra feira veio do latim (feria) que significa “dia de festa”, ou seja, é um lugar de socialização, de encontro. Segundo Da Matta (1997) a feira unifica o mundo da casa e o mundo da rua. Sobre isto, Freitas, Fontes e Oliveira (2008, p.131) explicam a citação de Da Matta: no espaço/rua, “ela tem regras e sistemas de valores próprios e se apresenta como um ambiente ambíguo, localizada no limite entre esses dois mundos, caracterizando-se pela fluidez da rua, contudo, permanece a familiaridade, a domesticidade das relações do mundo da casa”. Ainda, as feiras representam a dinamicidade social nas paisagens e envolvem relações de poder.

Toda essa contextualização acontece na Praça João Pedreira, local de conflito entre interesses políticos, econômicos e socioculturais. É exatamente desse conflito que se constroem territorialidades de união e ao mesmo tempo de exclusão, representadas na consolidação da paisagem, das relações e das representações simbólicas existentes e resistentes. Pensar o espaço da praça como um espaço público de uso prático e ao mesmo tempo simbólico, onde as relações culturais se estabelecem entre insites e outsites, permite observar a construção de novas relações entre culturas e interesses distintos. Tais interesses serão visibilizados na prática da consolidação do espaço.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **PRAÇA JOÃO PEDREIRA: usos do espaço e suas relações**

O município de Feira de Santana surgiu através do movimento de vaqueiros tropeiros que transportavam gado ao longo do estado da Bahia, por esse motivo, destacou-se como ponto de parada para esses trabalhadores. Durante esse período, os moradores da cidade montavam diversas feiras livres ao longo do percurso a fim de possibilitar abastecimento aos transeuntes. Nesse sentido, as feiras tornam-se importantes símbolos da cidade, seja no sentido econômico, seja no sentido cultural, nas feiras livres a diversidade de relações se estabelece.

A consolidação da importância do comércio informal de rua por meio das feiras-livres se dá ao longo do tempo e da relação simbólica que a sociedade estabelece com esse espaço. Ao mesmo tempo essa relação produz símbolos materiais e imateriais repletos de sentidos e significados. Na cartografia de Feira de Santana, muitas praças representam essa realidade.



Como exemplo é possível identificar a Praça João Pedreira que fisicamente localiza-se na Avenida Getúlio Vargas, mais especificamente entre as avenidas Senhor dos Passos e Marechal Deodoro da Fonseca (conforme apresenta os mapas 1 e 2 a seguir), principais avenidas do centro comercial do município, mantendo sua importância até os dias atuais, sua fisionomia modificou, os símbolos foram refeitos, os sentidos e significados redefinidos.

Nessa praça se realizam atividades culturais, econômicas e políticas configurando-a como um espaço importante e representativo para o município. O poder público municipal modifica as formas de uso e a estrutura física da praça, mas a importância para a população se mantém, há um conflito de interesses onde os órgãos governamentais ao realizar o plano diretor de desenvolvimento urbano (PDDU) não consideram as necessidades da comunidade.

Nesse primeiro mapa é possível identificar a praça localizada praticamente ao centro do círculo. As linhas amarelas em destaque representam as rodovias federais e estaduais que cortam a cidade. Esse formato circular deve-se ao grande entrocamento rodoviário que se configurou na constituição do município o que dá a este popularmente o título de maior entrocamento rodoviário do norte-nordeste do país. A área urbana do município concentra-se no círculo, estendendo-se ao seu entorno, local de grande especulação imobiliária. Essas informações são importantes pois é exatamente devido a sua importância regional para a circulação que justifica a sua importância comercial, sobretudo no que se refere a presença de feiras livres em suas praças principais.

### MAPA 1: Localização da Praça João Pedreira em relação ao município

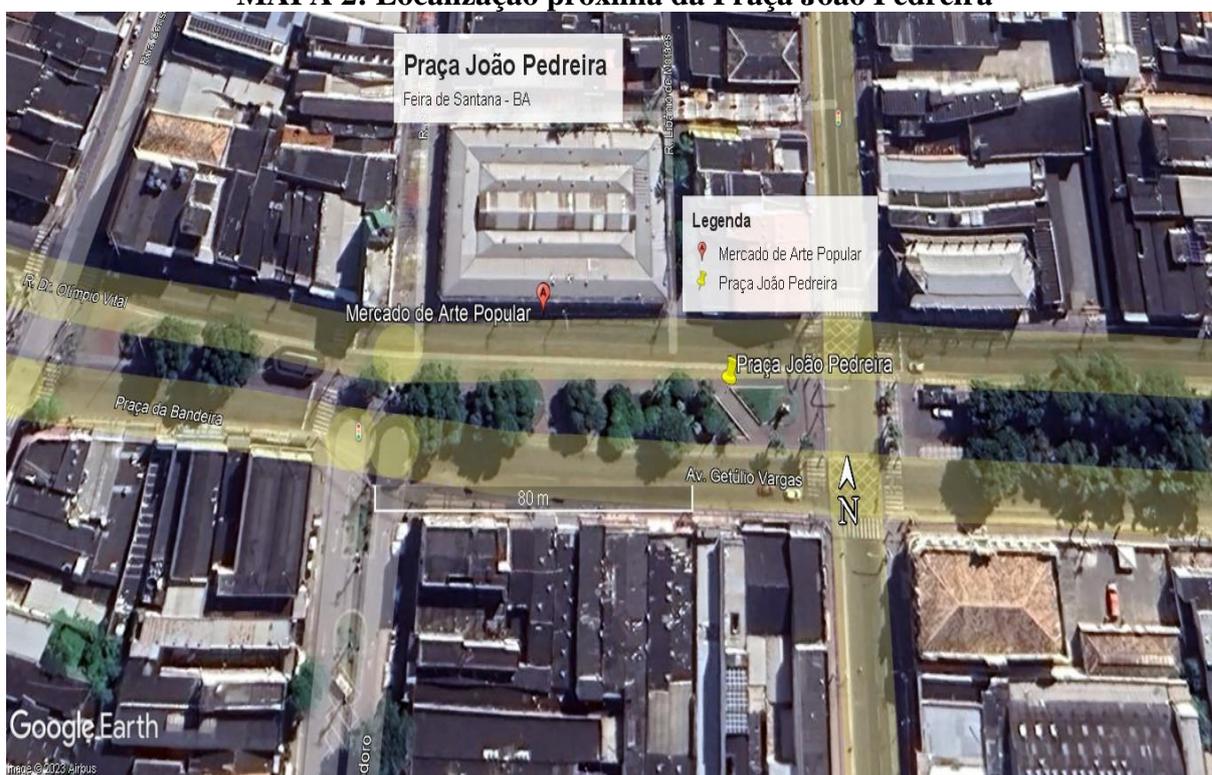


Elaboração: Extraído do Google Earth (adaptado por Luciene Cristina Risso).



A praça aqui representada, além de ser no centro comercial da cidade é cercada por outras praças, igualmente importantes e que se entrelaçam na consolidação da paisagem do município. Diante de tantas praças essa foi escolhida porque, além de ser um espaço de vivência e experiência da pesquisadora, é também o espaço que se destaca pelo conjunto de interesses que a circundam. Embora existam tantos interesses em sua utilização, todos coexistem em uma relação de conflitos e construções constantes. O mapa 2 mostra a localização da praça mais próxima, sendo possível visualizar as avenidas que a cercam bem como construções presentes. É importante destacar que os prédios vistos são comerciais e órgãos públicos, não possuindo endereços residenciais no local.

**MAPA 2: Localização próxima da Praça João Pedreira**



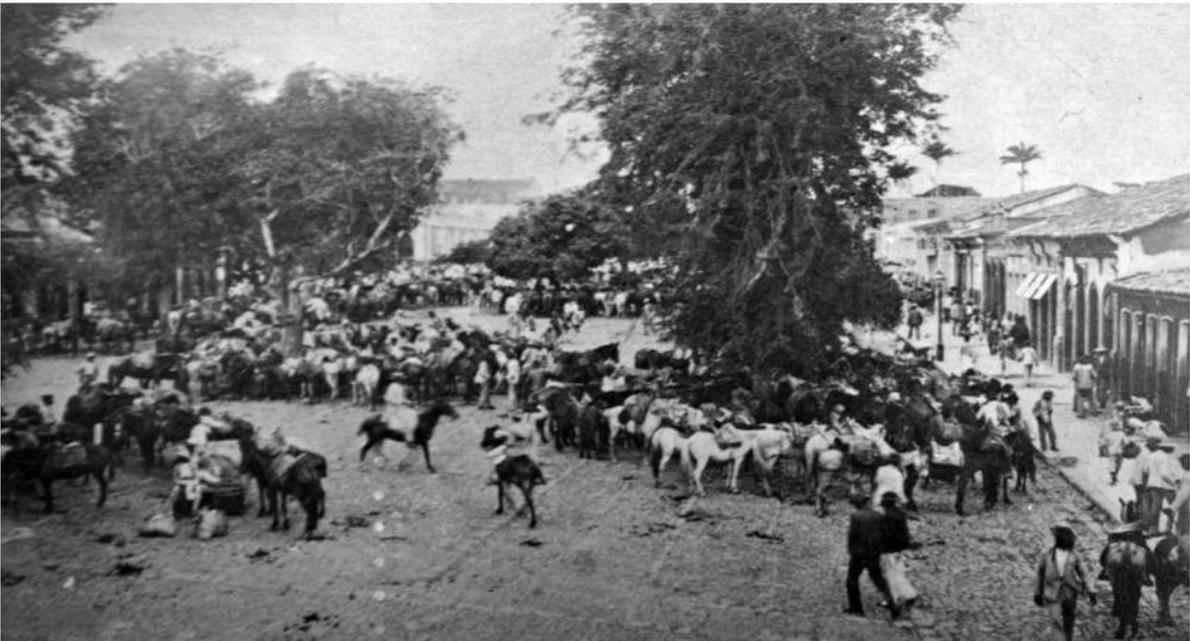
Elaboração: Extraído do Google Earth (adaptado por Luciene Cristina Risso).

É possível observar no espaço locus da pesquisa que, apesar de ser um espaço público extenso e aberto, quem está presente, em sua maioria, são as camadas mais populares. Apesar do comércio de rua não ser mais permitido no local, mantém-se a presença de vendedores ambulantes. Devido a proibição promovida pelo poder público e da grande quantidade de lojas no local, esse mercado informal torna-se insipiente. Nesse sentido, o que traz maior destaque a praça são os diferentes usos realizados pela população, desde palco para as manifestações

culturais, religiosas, esportivas a espaços de protesto. Tendo significativa visibilidade regional.

Há um território definido por relações de poder gerenciado por órgãos de governo que determina a importância e as formas de uso da praça. Porém há também territorialidades construídas culturalmente pelo povo e que não são facilmente interrompidas devido a existência de signos e significados que não são facilmente quebrados. Na realidade da praça João Pedreira em Feira de Santana, por exemplo, existem diversos usos como fruto das relações multiculturais presentes e que convivem harmonicamente na contramão do que o PDDU municipal planejou. O município de Feira de Santana surgiu como ponto de encontro de vaqueiros e tropeiros, tornou-se ponto de parada para eles, as feiras livres fizeram parte da construção do município. Nas imagens que seguem é possível identificar o contexto histórico de uso dessa praça.

### **IMAGEM 1 - Praça João Pedreira, 1920 – Comércio de gado**



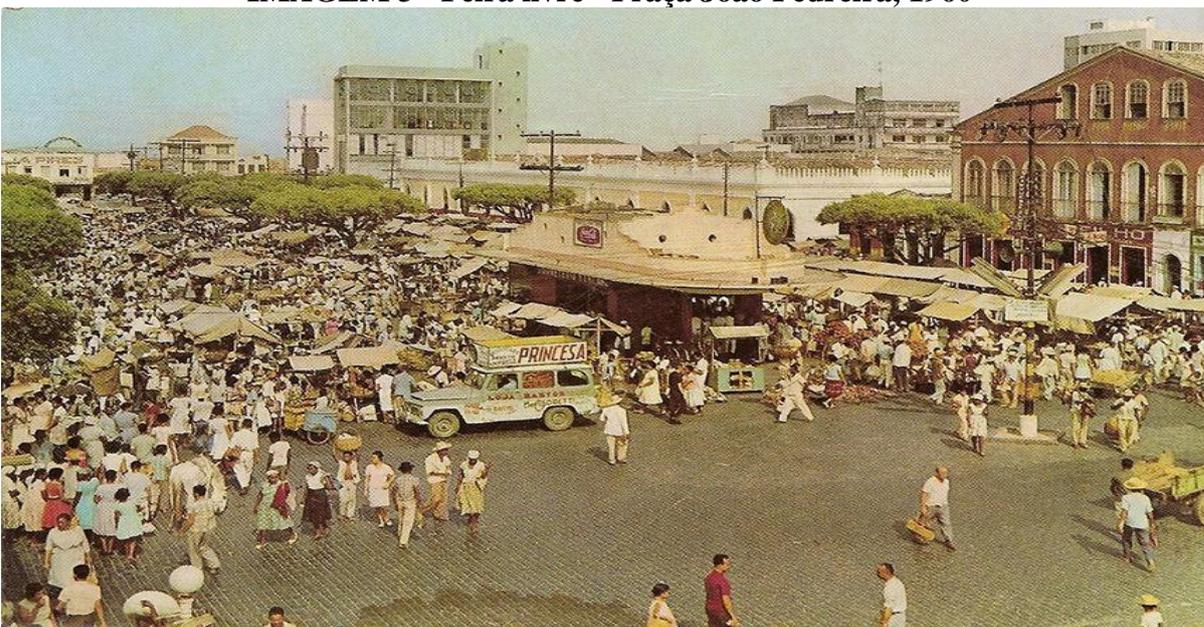
Fonte: Acervo Rudival Braga

Na praça João Pedreira, por exemplo, eram realizadas essas feiras. Acima na imagem 1 é possível identificar o comércio de gado bovino e equino, algo muito forte no município por muitos anos. Na imagem 2 abaixo é possível observar a estrutura da praça já modificada sem a presença de comércio ambulante, ao centro da praça um ponto da empresa de ônibus intermunicipal Santana, mantendo as características de ponto de parada.

**IMAGEM 2 - Praça João Pedreira 1950**

Fonte: acervo de Antonio Moreira Ferreira

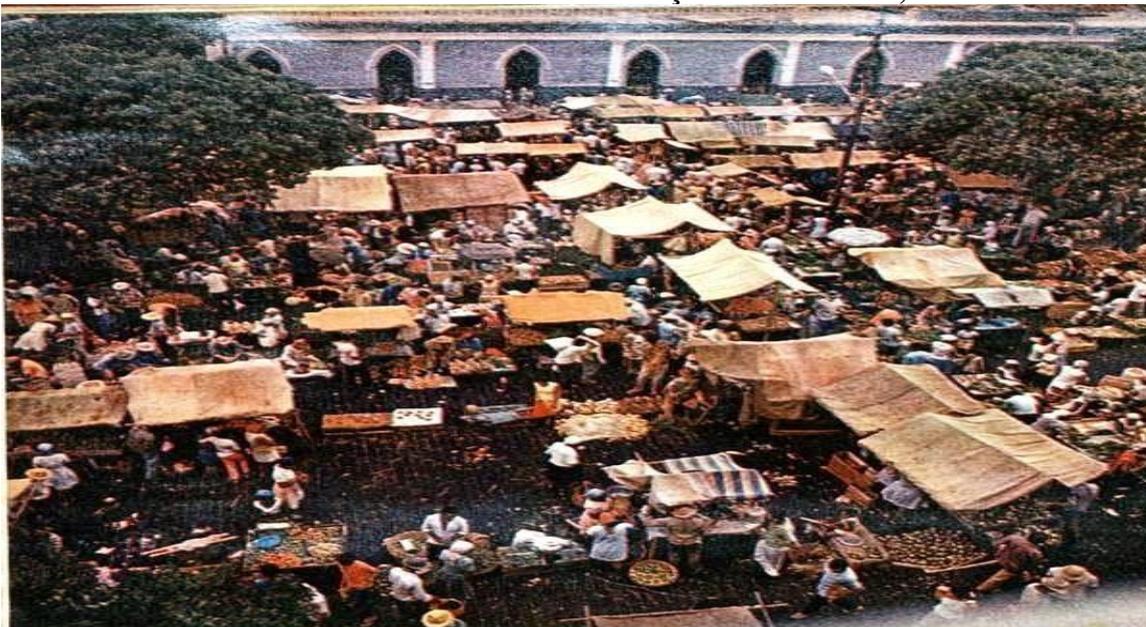
O centro comercial de Feira de Santana estabeleceu-se no entorno dessa praça, com feiras livres com variedade cada vez maior de produtos, sobretudo vindos da produção local. Além da comercialização de produtos, as movimentações artísticas e culturais tornaram-se importante atrativo para a população local e municípios vizinhos. Nas imagens 3, 4 e 5 abaixo é possível perceber a amplitude do comércio informal presente nos dias de Feira Livre.

**IMAGEM 3 - Feira livre - Praça João Pedreira, 1960**

Fonte: Acervo Rudival Braga



**IMAGEM 4 - Feira Livre - Praça João Pedreira, 1960**



Fonte: Acervo Rudival Braga

**IMAGEM 5 - Praça João Pedreira, 1987**



Fonte: Acervo Rudival Braga

Ao longo da pesquisa foi possível perceber as mudanças realizadas no uso desse espaço físico, a comunidade constrói novos significados para a paisagem e essa se modifica. É possível perceber que apesar de surgir como espaço para comercialização de produtos, ao longo das décadas houve ressignificações do seu uso. Atualmente essas praças são palco aberto para manifestações culturais e políticas, existem atividades que já são consideradas tradição do local, como a roda de capoeira angola, que acontece no mesmo lugar a mais de 30 anos, se



configurando como elemento físico da paisagem e a produção do tapete que simboliza a celebração católica de corpus christi realizada uma vez ao ano.

Há também movimentos esporádicos realizados por artistas visitantes da cidade ou comércio período de épocas festivas. É possível perceber a diversidade cultural presente nas manifestações através dos símbolos, signos e significados distintos em cada movimento e em cada elemento. As imagens 6 e 7 apresentam manifestações artísticas corporais que acontecem de forma esporádica e tem como finalidade, além de expor arte, meio de angariar recursos financeiros para o/os artista/s.

#### **IMAGEM 6 - Estátua Humana - Praça João Pedreira, 2016**



Foto: Daniela Silva, agosto, 2016

#### **IMAGEM 7 - Apresentação circense de rua na Praça João Pedreira, 2017**



Foto: Janio Regô, março, 2017



Além das manifestações culturais pontuais que acontecem na praça, promovidas pela própria comunidade, ou, principalmente, por artistas viajantes, há também o uso realizada por igrejas. As imagens 8 e 9 representam manifestações de eventos religiosos da igreja católica como a produção e exposição de tapetes que representam a festa de Corpus Christi e a procissão de Nossa Senhora de Santana, padroeira da cidade. São calendarizadas anualmente nos mesmos locais, organizadas pela igreja católica e autorizadas pelo poder público municipal.

**IMAGEM 8 - Tapete em celebração a Corpus Christi - Praça João Pedreira, 2019**



Foto: Michael Piuzinho Nascimento

**Imagem 9 - Procissão de Nossa Senhora Santana - Praça João Pedreira, 2020**



Foto: João Freitas, 2020



Além das manifestações religiosas autorizadas pela igreja católica há também as consideradas festas profanas. Um exemplo é a festa do Bando Anunciador de Santana que acontece todos os anos em julho, uma alvorada em anunciação a festa sagrada da padroeira da cidade. O Bando Anunciador é uma festa para todas as manifestações culturais e religiosas, na qual as pessoas se fantasiam do que desejarem e saem às ruas em festa, como um carnaval fora de época, porém como forma de anunciar a festa religiosa e ao mesmo tempo de protestar contra as injustiças sociais. A festa tem início em frente à igreja matriz e circula pela Praça João Pedreira e outras praças do centro da cidade e finaliza na rua 7 de setembro também conhecida como Beco da Energia, local famoso por ser território apropriado por profissionais do sexo. Nessa festa (imagem 10) todas as pessoas são convidadas a conhecer o local e apresentar diversas manifestações culturais a fim de reconhecer o potencial cultural ali presente e desconstruir o preconceito sofrido pelos moradores.

#### **IMAGEM 10 - Festa Profana Bando anunciador de Sant'Ana - Praça João Pedreira, 2017**



Foto: Verival Santos, julho, 2017

Uma manifestação importante e tradicional que acontece nesta praça é a roda de capoeira da escola de capoeira angola Angoleiros do Sertão. Com aproximadamente 30 anos ocorrendo nessa praça a roda de capoeira estabelece territorialidades reconhecida pela comunidade como parte da praça. Essa manifestação acontece todos os sábados pela manhã, apesar de ser considerada uma manifestação da rua possui um público cativo que disponibiliza seu tempo e sua energia para estar ali assistindo a capoeira e participando do samba rural que

acontece ao final da roda. É importante destacar que mesmo sendo uma praça pública o local em específico onde a roda de capoeira é realizada, não ocorrem outras atividades no sábado pela manhã por iniciativa da própria comunidade que reconhece e valoriza tal manifestação, a ponto de não promover qualquer impedimento.

O objetivo da realização dessa roda semanal é, acima de tudo, apresentar para a sociedade a cultura negra, possibilitando momentos de conscientização e celebração. Não há nessa manifestação qualquer interesse de teor financeiro, mas uma necessidade em não deixar morrer as características culturais da cidade e, ao mesmo tempo. Essa roda possibilita a manifestação do corpo-território preto, ao trazer ancestralidade através dos movimentos corporais e das relações pessoais entre os praticantes da capoeira e entre esses e o público, que se estabelecem por meio da troca de saberes decoloniais considerando relações afrocentradas presentes no universo da capoeiragem.

#### **IMAGEM 11 - Apresentação de capoeira - Praça João Pedreira, 2020**



Foto: Ademir dos Santos, 2020

As imagens 11 e 12 apresentam o início da roda de capoeira e o jogo, nesse momento a população apenas assiste, porém transmite energia e emoção ao ouvir a musicalidade e ao observar os movimentos dos jogadores. Na imagem 13 é possível perceber a manifestação do samba de roda, nesse momento a comunidade toda é convidada a participar e sua forma de participação, seus valores ancestrais são respeitados, dessa forma, todos contribuem para o resultado final da apresentação. Essa roda é considerada um ponto turístico do município de Feira de Santana, pois recebe pessoas de diversos estados e países.



**IMAGEM 12 - Apresentação de capoeira - Praça João Pedreira, 2020**



Foto: Tito Casal, 2020

**IMAGEM 13 - Apresentação de samba - Praça João Pedreira, 2020**



Foto: Tito Casal, 2020

Nota-se que além das atividades comerciais presentes na praça, as manifestações culturais são parte integrantes da paisagem desse espaço. A capoeira desenvolvida pela escola de capoeira Angoleiros do Sertão é a manifestação mais antiga que resiste e persiste nesse local. Sendo realizada todos os sábados, conta com a participação de diferentes públicos, e estes por sua vez defendem o direito e a necessidade de manter as rodas de capoeira e de samba de roda



como elementos constituintes da cultura local. Como símbolo da cidade essa praça tem posição de destaque, então quando ela para a cidade silencia.

#### **IMAGEM 14 – Praça João Pedreira inicio da Pandemia - 2020**

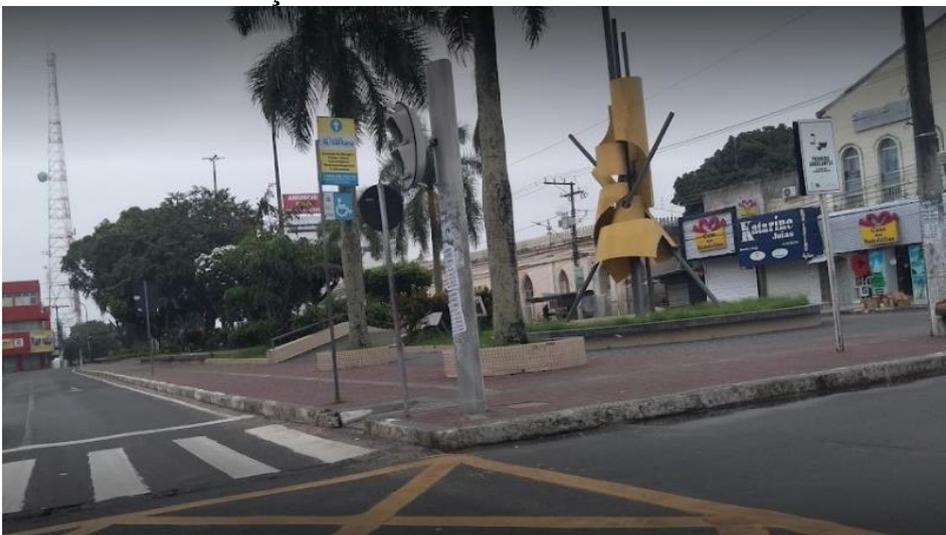


Foto: Janio Regô, Março de 2020

#### **IMAGEM 15 – Praça João Pedreira Pandemia 2021**



Foto: Janio Regô, Janeiro, 2021

Por localizar-se no centro comercial da cidade, essas praças são marcadas pelo intenso movimento de pessoas, por esse motivo durante os períodos de Look Dow realizado devido ao intenso índice de infectados por COVID-19 no município, a praça tornou-se simbolo dos impactos físico e econômico gerado pela pandemia de COVID 19 no município entre os anos 2020 e 2021, sendo utilizada em diversos momentos pela mídia local e regional. Evidenciando sua importância e, principalmente, destacando que os significados dados pela comunidade se sobrepõem as regras estabelecidas pelo poder público local. As imagens 14 e 15 representam tal situação.

A praça João Pedreira localizada no centro comercial do Município de Feira de Santana é um espaço físico, onde coexistem conflitos de interesses. Sua importância deve-se a ser considerado um dos locais onde há maior circulação de pessoas, proveniente das primeiras movimentações comerciais contribuiu para o surgimento do Município. No período inicial, a figura do vaqueiro viajante potencializou as relações no local. Ao longo do tempo, sua funcionalidade seguiu diferentes sentidos, tornando-se por um tempo terminal rodoviário intermunicipal. Com o passar do tempo abrigou uma grande Feira Livre, de grande importância para diversos municípios vizinhos e nos dias atuais configura-se como espaço de circulação de pessoas e o mesmo tempo um ponto de encontro.

Essa pesquisa foi fruto de uma observação participante, na qual foi possível identificar diversas nuances capazes de contribuir para o fazer de novas pesquisas. Considerando os caminhos propostos pela Geografia Cultural, nota-se que há, nessa praça, importantes movimentos, signos e significados capazes de contribuir para a compreensão das relações que a configuram.

Sabendo se que as praças públicas são constituídas como espaço sociabilidade por meio de diversas formas de lazer, encontros, eventos e atividades gratuitas acessíveis a toda a população. Entender esse espaço também como lugar de luta e de sobrevivência é mais uma vertente a se refletir. Além de todos os elementos apresentados ao longo do artigo, cabe destacar que na praça João Pedreira também existe a presença de população em situação de rua. Sua presença é negada e camuflada ao longo do dia e a noite a paisagem da praça se transforma, sendo ocupada por esse público. As instâncias governamentais do município, apesar de saberem que são reponsáveis por tal público. Ocupam-se apenas em fiscalizar as atividades comerciais informais e culturais existentes com intuito de defender os interesses do comércio formal local.

Assim, se configuram as simbologias que constituem a paisagem da praça. As territorialidades se estabelecem por meio das construções identitárias em contraponto aos interesses do poder local. Todo esse conjunto de relações reafirmam que essa praça foi definida pela comunidade e por ela são determinados seus usos e seus elementos constitutivos. A população apropria-se e ressignifica os espaços definindo suas mudanças e permanências.

## REFERÊNCIAS

ALEIKSEIVZ, Renato Alves. Espaço e poder na reflexão de Foucault: dos dispositivos à governamentalidade. 2016, 164 páginas. **Dissertação de Mestrado** (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2016.



ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **O Brasil africano: geografia e territorialidade**. Brasília: CIGA/CESPE/UnB, 2010.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 239-244, 2012.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 92 – 123.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVERIA, Nilce de. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. EDUFBA, 2008.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, v.22, n.2, p. 15 – 46, jul./dez., 1997.

MATHES, Alana Fernanda Vargas. Modernidade e decolonialidade: da razão universal para razão corporificada. 2021, 41 páginas. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Filosofia) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

OLIVEIRA, Lívia de. A construção do espaço, segundo Jean Piaget. **Sociedade & natureza**, v. 17, n. 33, p. 105-117, 2005.

TORRES, Marcos Alberto. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade**, v.8, Número Especial, 2018, p.141-154.

**Acervo de Antonio Moreira Ferreira** Acessado em: 26/10/2022.

Disponível em: <https://www.facebook.com/FotosDaPrincesaDoSertaoFeiraDeSantanaBahia>

**Acervo do Grupo de Capoeira Angoleiros do Sertão Bahia**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/angoleirosdosertaobahia> Acessado em: 26/10/2022.

**Acervo Rudival Braga** Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/362453737286631>

Acessado em: 09/10/2022.